

VILA RICA: DO HISTÓRICO AO LITERÁRIO

Marcela Verônica da SILVA¹

RESUMO: O artigo intitulado *Vila Rica: do Histórico ao Literário* baseia-se no projeto apresentado para ingresso no programa de pós-graduação da UNESP *campus* de Assis e tem como objetivo a discussão sobre a construção do poema *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, publicado em 1773. Tal discussão se pautará nos temas da historicidade e ficcionalidade presentes tanto no poema quanto nos seus textos complementares, em especial, o *Fundamento Histórico* (dissertação histórica). Ambos os gêneros podem ser entrelaçados em um único texto, a partir do momento em que o documento histórico usa em sua construção idéias fictícias (ou sem teor documental) e o poema, por manter semelhança com o gênero épico, faz uso de fontes históricas para conferir maior verossimilhança ao enredo.

Palavras-chave: Cláudio Manuel da Costa; Vila Rica; Documentação

ABSTRACT: The article *Vila Rica: do Histórico ao Literário* is based on the project submitted for admission in the program graduate of the Universidade Estadual Paulista *campus of* Assis and aims to discuss the construction of the poem *Vila Rica*, by Cláudio Manuel da Costa, published in 1773. This discussion has centered on issues of historical and fictional present both the poem and in its supplementary texts, in particular the *Fundamento Histórico* (historical essay). Both can be into a single text, from the moment the historical text uses the fiction and the poem, to maintain similarity with the epic makes use of historical sources to give greater verisimilitude to the narrative.

Key-words: Cláudio Manuel da Costa; Vila Rica; Documentation

1. Cláudio Manuel da costa e sua formação e prática letrada

Cláudio Manuel da Costa, que ficou conhecido por sua produção poética árcade, teve seus primeiros estudos realizados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e, como era costume da época, sendo de família abastada, mudou-se para Coimbra, onde freqüentou aulas de Cânones. A formação na Universidade de Coimbra lhe permitiu conhecer as normas de orientação de estudos históricos e literários vinculado aos jesuítas, os quais refletem, nos estudos dessa natureza, em Portugal, a essência da *Academia Real da História Portuguesa*, de Lisboa, que deu origem às Academias Brasílicas da Bahia - a *Academia Brasílica dos Esquecidos* (1724) e a *Academia Brasílica dos Renascidos* (1759). Nelas, as práticas de escrita reproduziam as obras segundo ensinamentos da retórica antiga, para composições em prosa, e das poéticas, antiga e contemporânea, para as composições de caráter circunstancial, por meio das quais se desenvolviam os torneios literários previstos em estatutos ou nas rotinas

¹ Doutoranda – UNESP *campus* de Assis

daquelas agremiações acadêmicas.

O período em que Cláudio Manuel da Costa estudou na Europa também foi responsável pelo seu contato com as idéias iluministas e com a prática de uma nova corrente literária que havia se formado: o Arcadismo.

Com essa formação, Cláudio Manuel da Costa figurou entre os pensadores da *Academia Brasílica dos Renascidos*, de 1759, na qual ocupou a função de acadêmico supranumerário, participando, a convite da *Academia Brasílica dos Renascidos*, como sócio correspondente da região das Minas Gerais, e, como tal teria o encargo de escrever a história de sua região através de pesquisas em fontes coletadas nos arquivos de Minas Gerais. Posteriormente, fundou a *Arcádia Ultramarina*, em 1768, tributária das idéias iluministas e responsável por instaurar o estilo árcade no Brasil.

No contexto da *Arcádia* foram produzidos os poemas de maior reconhecimento, como os presentes nos livros *Obras* e *Obras Poéticas* (ambos de 1768), no qual consta a obra *Vila Rica*. Vinculado a ele, foram publicados os textos *Carta Dedicatória*, *Prólogo* e *Fundamento Histórico*, além de algumas notas explicativas escritas pelo autor.

Na dissertação de mestrado intitulada *Constância da Retórica, Mudança de Estilo: a obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa* (Silva, 2009), a idéia inicial era explorar a obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa de forma geral. Porém, como o *corpus* era formado por muitos textos, foi necessária uma seleção que tornasse viável o estudo de cada um deles de modo mais aprofundado.

Dentre os documentos que foram levantados para análise estão o *Catálogo Alfabético dos Acadêmicos Supranumerários da Academia Brasílica dos Acadêmicos Renascidos* do dia 31 de julho de 1759. Este catálogo consistia em classificar as funções e as tarefas que seriam atribuídas aos acadêmicos convidados a integrar a ABR. Figura ainda em outros documentos importantes da ABR: em um *Juramento* de dedicação à academia, que vem seguido pelos *Apontamentos para se unir ao Catálogo dos Acadêmicos da Academia Brasílica dos Renascidos* e em cartas dirigidas ao Secretário da Academia Brasílica dos Renascidos, o Senhor Antônio Gomes Ferrão Castello Branco, ao diretor João Borges de Barros, ao censor João Ferreira Betercourt e Sá e aos colegas acadêmicos.

Assim, optou-se pela leitura e análise destes documentos de cunho não literário e pela inclusão do drama *O Parnaso Obsequioso*, no qual as marcas do academicismo apareciam ligadas à *Arcádia Ultramarina*, que, apesar de ser uma obra comprometida com novas

ideologias² mantinha o mesmo referencial de composição da *Academia Brasílica dos Renascidos*.

2. História e poesia

Buscando dar continuidade aos estudos realizados no mestrado, que receberam o título de *Constância da Retórica, Mudança de Estilo: a obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa* (2009), pretende-se, no presente artigo, apresentar o projeto de doutorado - que se encontra em fase inicial de execução - que tem como objetivo discutir a construção do poema *Vila Rica* de Cláudio Manuel da Costa, publicado em 1773, levando-se em consideração a sua estrutura, no que diz respeito aos elementos históricos e ficcionais trabalhados na narrativa.

Além do poema *Vila Rica*, farão parte do *corpus* os textos publicados no mesmo volume, a saber, o *Prólogo*, a *Dedicatória* e o *Fundamento Histórico*. O *Prólogo*, devido à sua importância metalingüística, uma vez que o autor explica as razões pelas quais escreveu a obra; a *Dedicatória*, que abrange as relações pessoais do poeta e sua inserção na política local e o *Fundamento Histórico*, dissertação histórica que apresenta o fato “real” e, deste modo, funciona como um “suporte” para a compreensão do poema, uma vez que ambos trazem como tema central o mesmo assunto: a descoberta das regiões auríferas.

Pretende-se estabelecer a análise do *corpus* a partir da resposta às seguintes questões:

1. Qual o grau de historicidade presente no poema?
2. Qual o grau de ficcionalidade presente nos textos complementares, em especial no *Fundamento Histórico*?

Levando em conta que a publicação de *Vila Rica* deu-se postumamente, surge ainda a incerteza quanto à junção ou não dos textos anexos ao poema, ou seja, não é possível definir se a intenção do poeta era publicar o documento histórico como base de leitura para a compreensão do poema ou se este foi escrito para outro fim, como, por exemplo, para constar entre os capítulos da *História Universal da América Portuguesa*, uma vez que Cláudio Manuel da Costa tinha essa função, como participante da *Academia Brasílica dos Renascidos*. Estas questões resolver-se-ão com a análise documental dos textos complementares e com a aplicação dos fundamentos da crítica genética ao documento, que auxiliarão na indicação do processo de criação da obra utilizado pelo autor.

Esse estudo pretende considerar os textos complementares como parte efetiva do

² *O Parnaso Obsequioso* pode ser considerada uma obra árcade, pois compartilha traços comuns a essa estética, como, por exemplo, a utilização de temáticas bucólicas para ilustrar algumas situações, bem como a presença de personagens mitológicas para representar a cultura e servir de apoio à ação laudatória expressa ao conde de Valadares (homenageado).

“manuscrito”, uma espécie de junção do poema ao fundamento, conferindo ao resultado final o direcionamento adotado pelo autor no processo de elaboração da obra. Como epopéia, o poema faz uso de elementos reais para conferir a verossimilhança necessária e, como dissertação histórica, escrita em uma época sem total comprometimento com fontes, o *Fundamento Histórico* pode também ser interpretado de modo fictício.

Apesar da leitura de ambos os gêneros levarem para situações diferentes (reais e ficcionais), cabe também levar em consideração que, em uma época em que muitos dos fatos históricos não eram registrados e muito do que se registrava era baseado em fontes não confiáveis (fontes orais ou oriundas de crônicas), até que ponto essa divisão entre histórico e ficcional pode ser direcionada?

A escritura, no século XVIII, pautava-se nos princípios retóricos e poéticos aristotélicos, dentre os quais podemos apreender, na sua *Poética*, a questão dos graus de ficcionalidade e historicidade que se deve atribuir a um poema exemplar. No capítulo IX, denominado *História e Poesia* o filósofo procura explicar a função do escritor e diferenciar a escrita literária da escrita de cunho histórico:

[...] é evidente que não compete ao poeta narrar o que exatamente aconteceu; mas sim o que poderia ter acontecido, o possível segundo a verossimilhança ou a necessidade. O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso [...]. Diferem entre si porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular. O universal é o que tal categoria de homem diz ou faz em tais circunstâncias, segundo o verossímil ou o necessário. (Aristóteles, 2005, p.43).

Os episódios da vida real não acontecem em uma seqüência lógica, tal como se pode observar nos acontecimentos de uma tragédia ou de uma epopéia. Nesse sentido, Aristóteles considera que a história é menos filosófica do que a poesia. O discurso histórico intenciona produzir efeito de retrato, descrevendo a realidade.

Em *Vila Rica*, tem-se uma poesia “épica”³, os personagens ficcionais possuem nomes dos personagens históricos, mas a transposição se adéqua ao gênero ficcional e os personagens mitológicos são nomeados folcloricamente, porém, mantendo as especificidades dos deuses mitológicos gregos e romanos, bem como a própria montanha o *Itamonte* é

³ O termo “épico” encontra-se entre parênteses, pois a poesia de Cláudio Manuel da Costa, apesar de contar com muitos elementos desse gênero não é considerada pelos críticos como tal e nem pelo próprio autor, que em seu *Prólogo* comenta – mesmo que pautado na tópica da falsa modéstia (cf. Curtius, 1996)– que sua obra não possui a pretensão de épico.

transfigurada em um gigante. O governador Albuquerque Coelho de Carvalho também é transposto para o poema com as qualidades de herói. O próprio desenvolvimento do poema lembra, por seu teor labiríntico (cf. Luna, 2005), o trajeto dos bandeirantes, que, na condição de desbravadores, não possuíam um direcionamento bem delimitado ao adentrar as matas rumo ao centro.

A discussão sobre os graus de historicidade e ficcionalidade terá como suporte teórico a *Arte Poética* de Aristóteles e a exploração do referencial de escrita – *Retórica e Poética* – dar-se-á pela leitura dos principais nomes que tratam deste assunto, como Cícero, Quintiliano, Horácio, Longino e Candido Lusitano, além do próprio Aristóteles. Pretende-se apreender com estas leituras tanto o conceito de *Mimesis*, uma vez que a obra *Vila Rica* busca em outras obras seu modelo de composição – quanto o próprio conceito de epopéia, para a classificação dos elementos épicos constantes do poema. Além destas pesquisas, enfocar-se-á também a convergência entre o *Fundamento Histórico* (espécie de dissertação histórica) e o poema *Vila Rica*. Neste ponto o teor da discussão será a comparação entre *história* (dissertação) e *ficção* (poesia), *Academia* e *Arcádia* e Cláudio Manuel da Costa acadêmico, subsidiário do Cláudio Manuel da Costa poeta.

Além dessa discussão pretende-se levantar indícios que demonstrem que a construção do *Fundamento Histórico* pode estar atrelada às pesquisas executadas no âmbito da *Academia Brasileira dos Renascidos*, uma vez que a tarefa de escrever a história das Minas Gerais era seu papel enquanto sócio correspondente.

3. Breve comentário sobre *Vila Rica*

Sabendo-se que o Brasil nos tempos da colônia era uma “extensão” de Portugal, a qual comandava e estabelecia suas regras, tanto no plano político como no plano intelectual, é interessante tratar a obra *Vila Rica* (1839), de Cláudio Manuel da Costa a partir dessa óptica. A obra, segundo as notas do autor, recebe esse título, pois remete ao louvor à fundação da capital da cidade mineira, transformada de arraial em vila, e assim chamada *Vila Rica de Albuquerque* (hoje conhecida como Ouro Preto) e fundada no dia 8 de outubro de 1711. Essa fundação ocorreu quando o Governador Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho fez uma reunião, contando com a participação de Manoel Pegado Serpa como secretário, na qual elegeu vereadores e juízes que tomaram posse no dia 7 de julho de 1710.

O autor dedica sua obra ao Senhor Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, quando relata em sua *Carta Dedicatória*:

Depois de haver escripto o meu poema da fundação de Villa-Rica, Capital das Minas Geraes, minha pátria, a quem o deveria eu dedicar mais, que a v. exc.? Há muito que ansiosamente solícito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos benefícios, que tenho recebido da ex^{ma}. Casa de Bobadella. (Ribeiro, 1903, p.147).

Esse tipo de dedicatória era comum na época, e, o Conde de Bobadela, como outros nomes importantes do cenário político da formação de Vila Rica constam em toda obra, trata-se, de certa forma, de localizar o poema em um terreno histórico, e, por isso esta obra, mais do que literária, pode ser considerada documentação importante neste contexto do Brasil Setecentista.

Cláudio Manuel da Costa viveu entre dois “mundos”: de um lado a velha Europa, dona da riqueza e da “sabedoria”, detentora das universidades e dos livros, de outro um Brasil em plena fase de exploração (tanto no sentido financeiro quanto no sentido de ser uma terra de certa forma ainda “desconhecida”). Envolto pelos ideais filosóficos advindos do Iluminismo e imbuído do espírito de composição árcade, ou seja, pelos ideais clássicos do *Belo*, do *Bem* e da *Verdade* e dos demais preceitos horacianos do *fugere urbem*, do *vivere in aurea mediocritas*, e vivendo em um lugar isolado de todas estas práticas, esse poeta revela, em suas obras, muito desse aspecto dualista. Cláudio Manuel da Costa, sobre seus escritos, dizia:

Mas temendo [...] que me condenes o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te que a maior parte destas *Obras* foram compostas ou em Coimbra ou pouco depois, nos meus primeiros anos; tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras. É infelicidade que haja de confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.⁴ (Bosi, 1975, p.69).

Esta admiração pelo estilo de escrita que conheceu na Europa é revelada por estas palavras, e aqui se percebe que, apesar de considerar Minas Gerais sua “pátria”, o poeta se lamenta por não poder apreciar as *Belas Letras* em evolução, o que é uma prova de sua dualidade.

Vila Rica compõe-se de 10 cantos em versos decassílabos. Sua proposição se encontra nas quatro primeiras estrofes e nela o autor exalta a fundação da cidade de Vila Rica e a memória de Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho. Já nestas estrofes se detecta a importância que o autor dá a este personagem, que pode ser associado a um herói épico. A invocação é dirigida ao “Ribeirão do Carmo”, rio “pátrio” para Cláudio Manuel da Costa,

⁴ Citação do Prólogo das *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, retirada de uma citação do livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi (p.69)

enquanto a dedicatória é feita ao Conde de Bobadela. Há, durante todo o texto, as presenças míticas de personagens cujas características foram tiradas do original grego, porém com traços e nomes provenientes da cultura indígena. É o caso, por exemplo, de *Itamonte* e *Eulina* (versão da sereia indígena Ipupiara).

A narrativa é composta por uma breve apresentação do Brasil Colonial, que, posteriormente, dará enfoque à narração do descobrimento das Minas buscando levantar detalhes desta exploração. As ações se desenvolvem de forma paralela no poema, na qual podemos focalizar a importância dada ao personagem Albuquerque e a passagem “amorosa” entre a índia Aurora e o colono Garcia Rodrigues Pais (um canto lírico na epopéia, à imitação de outros poemas do gênero).

Por epopéia entende-se um conjunto de feitos heróicos produzidos por uma nação, cuja narração é mesclada entre personagens históricos e mitológicos e feita em versos heróicos. Por esta concepção e pela divisão a que o poema obedece, *Vila Rica* insere-se na tradição épica, porém, além dessas características, existem outras que permeiam este gênero. Massaud Moisés afirma que:

[...] o poeta épico se caracteriza pela dilatação do ‘eu’ ao infinito de suas possibilidades, a ponto de romper suas próprias barreiras e invadir o plano do ‘não-eu’. Antes enclausurado (...) o ‘eu’ agora se abre, se expande até ilimitadas fronteiras, a fim de abarcar inteiramente o mundo exterior (...). O mundo do poeta, que antes se circunscrevia a seu microcosmos subjetivo, agora deve ampliar-se até se tornar a totalidade da visão do mundo nacional, e universal. (Moisés, 1975, p. 69)

A partir desta definição pode-se compreender melhor a dimensão do conceito de épico e, Cláudio Manuel da Costa, apesar de organizar seu texto nesses “moldes”, não confere a ele um caráter “grandiloquente” o suficiente, por não apresentar a “dilatação” necessária a este gênero. Assim, sua obra pode ser considerada mais rapsódica que propriamente épica, ou seja, é composta de fragmentos de cantos épicos tradicionais ou populares que não possui dimensões para ser considerada uma epopéia. Assim, para finalizar essa questão, o próprio Cláudio Manuel da Costa, em seu *Prólogo*, nos explica:

Leitor, [...] não é meu intento sustentar que eu tenho produzido ao mundo um poema com o caracter de Épico, sei que esta felicidade não conseguiram até o presente aqueles homens, a quem a fama celebra laureados na Grécia, na Italia, em Inglaterra, em França, e nas Hespanhas. Todos se expozeram a censura dos críticos e todos são argüidos de algum erro ou defeito [...].(Ribeiro, 1903, p. 149).

De acordo com Erich Auerbach, a antiga crítica estética dominante até o fim do século XVIII:

[...] se perguntava que forma uma obra de arte de um determinado gênero, uma tragédia, uma comédia, uma poesia épica ou lírica, devia ter para ser perfeitamente bela; tendia a estabelecer, para cada gênero, um modelo imutável, e julgava as obras segundo o grau com que se aproximavam desse modelo; procurava fornecer preceitos e regras para a poesia e a para a arte da prosa (Poética, Retórica) e encarava a arte literária como a imitação de um modelo – modelo concreto se existisse uma obra ou um grupo de obras (“a Antiguidade”) consideradas perfeitas – ou modelo imaginado, se a crítica platonizante exigisse a imitação da idéia do belo, que é um dos atributos da divindade. (Auerbach, 1972, p.27).

Se a ordem que vigorava na produção artística desta época alimentava a idéia de obra perfeita, como aquela a que a Poética e a Retórica estabeleciam, nada mais natural que o desejo dos autores de produzir seus escritos, de modo a serem apreciados segundo esse gosto. Cláudio Manuel da Costa não fugia à regra: seus textos, poéticos ou não, levavam em consideração os ditames, que podem ser vislumbrados em *Vila Rica* e nas demais composições que acompanham esse poema (*Carta Dedicatória, Prólogo e Fundamento Histórico*, este último, pode, inclusive, ser considerado um texto em prosa à parte).

No *Fundamento Histórico*, constante do poema *Vila Rica* constata-se uma forma de composição também delineada pela Retórica, mas que, desta vez corresponde à expressão em prosa. Esse relato faz menção à história do descobrimento das Minas pelas bandeiras. O tom usado na exposição apresenta a tópica da falsa modéstia, na qual o autor afirma que: “Persuadido o leitor desta obra, de que não serão bastantes as notas com que illustrou os seus cantos á instruir ao leitor da notícia mais perfeita do descobrimento das Minas Geraes, da sua povoação e do augmento, a que tem chegado os seus pequenos Arraiaes.” (Ribeiro, 1903, p. 151).

O texto não é assinado por Cláudio Manuel da Costa, porém fala sobre seu método de pesquisa para compor o poema. Depois da apresentação metalingüística, segue-se o relato geral da exploração das matas brasileiras em busca de pedras preciosas pelos bandeirantes, em seguida o autor faz uma exploração particular da descoberta das Minas em cada cidade. Este formato de texto de partir do geral para o particular é um recurso muito usado pela Retórica.

Todos estes textos podem ser lidos segundo orientações das retóricas, pois, além de mostrarem características semelhantes, fazem uso de uma técnica muito importante para persuadir: o exemplo histórico, como forma de endosso das suas argumentações. Esse é um fator importante na persuasão, porém, diante de alguns fatos, a obra pode ser lida como uma

narração fictícia, dado a falta de provas e a visão tendenciosa dos fatos, visto que o poeta também tinha sua identidade vinculada a Portugal.

4. Quanto à fortuna crítica

Para auxiliar no entendimento de questões políticas e econômicas de Vila Rica, será utilizada a obra *Erário Régio*, de 1768, que é um importante documento em que constam alguns acontecimentos importantes que marcaram a história desta cidade, pois cabia a este órgão (Erário Régio) a centralização de todos os negócios pertencentes à arrecadação, distribuição e administração da Real Fazenda. Além do recurso a esta obra, documentos de diversas naturezas devem compor a busca das fontes que orientaram a elaboração da obra, pois algumas citações de Cláudio Manuel da Costa atestam a sua participação tanto na política local (Secretária do Governo), como em sua carreira como poeta árcade.

Com a execução deste trabalho, pretende-se apresentar a obra de Cláudio Manuel da Costa a partir dos pontos de vista acadêmico, histórico e literário, demonstrando, com base em elementos presentes nos textos, características que evidenciem um tipo de escrita baseada em fontes primárias, buscadas na época em que o poeta exercia a função de sócio correspondente da *Academia Brasílica dos Renascidos*, além de marcas que relacionam estes textos à *Arcádia Ultramarina*. Esse debate se estenderá, conseqüentemente, à posição que o poema ocupa nos estudos da literatura brasileira. Para essas discussões serão utilizadas as obras *O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira*, de Vânia Pinheiro Chaves (1997), que estuda o poema de Basílio da Gama, suas intertextualidades e contextualiza-o no ambiente brasileiro, projetando as suas influências para outras obras de natureza parelha, entre elas, o poema *Vila Rica*, ao qual atribui condição de epopéia, cujas características são consideradas como incompletas dentro deste gênero. A autora também contribui para a discussão do panorama histórico do século XVIII em que se destaca o advento do Iluminismo e a importância do Marquês de Pombal nesse contexto. Deste modo, partindo da metodologia utilizada por Chaves (1997) pretende-se estudar a obra *Vila Rica* partindo da questão da nacionalidade da literatura brasileira do século XVIII, relacionando-a ao momento histórico e estético em que foi produzida, o que leva a um aprofundamento das questões históricas marcadas pelo advento do Iluminismo, e estilísticas, cujas mudanças podem ser demonstradas a partir de um estudo retórico e poético da obra, bem como de seus gêneros e intertextos.

Já na obra *Fontes do Caramuru* de Carlos de Assis Pereira (1971) há um estudo da obra de Frei de Santa Rita Durão a partir das fontes utilizadas pelo autor para a sua produção.

Deste modo, o pesquisador resgata o contexto histórico e o repertório de leituras de Santa Rita Durão, que contribuiu para a composição do poema, além de estabelecer comparações entre o histórico e o literário, com ênfase para a caracterização de Diogo Álvares Correa enquanto personagem histórico e sua transposição para herói épico em *Caramuru*.

Outras obras que poderão auxiliar na pesquisa são *A Epopéia em Prosa Seiscentista* de Adma Muhana (1997) em que a autora em questão distingue e dicionariza termos da literatura da época, mostrando a presença da epopéia em prosa como gênero distinto, apesar de pouco estudado.

A obra *A sátira e o Engenho*, de João Adolfo Hansen (1989) auxilia na contextualização das obras produzidas no Brasil Colonial e no entendimento da mentalidade daquela época.

Após a leitura destes textos (que será realizada mediante as retóricas e poéticas antigas). Importa, com o conhecimento dos modelos emulados e dos conteúdos apresentados discutir a efetiva participação de Cláudio Manuel da Costa no âmbito da língua e das idéias, efetivando a sua contribuição para a escrita do Brasil colonial.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **A Poética Clássica**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- AURBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CHAVES, Vânia Pinheiro. **O Uruguai e a Fundação da Literatura Brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura européia e idade média**. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec - Edusp, 1996.
- HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o Engenho**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HORÁCIO. **A poética clássica**. Introd. por Roberto de Oliveira Brandão. São Paulo: Cultrix, 1995.
- KANTOR, Íris. **Esquecidos e Renascidos**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- LAMEGO, Alberto. **A Academia Brasileira dos Renascidos: sua fundação e trabalhos inéditos**. Paris/Bruxelles; 1923: D`art gaudio.
- LIMA, Y. D. **A Academia Brasileira dos Acadêmicos Renascidos. Fontes e Textos**. São Paulo, 1980. 316 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LUNA, J. (2005). **O Vila Rica de Cláudio Manuel da Costa: o labirinto e a trama**. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=36940&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em 10 de março de 2010.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**. 7ªed. Revista. São Paulo: Melhoramentos/ Edusp, 1975.

MUHANA, Adma. **A Epopéia em Prosa Seiscentista: uma definição de gênero**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1997.

OLIVEIRA, Tarquínio. J. B. **Erário Régio de Francisco A. Rebelo (1768)**. Brasília: Escola de Administração Fazendária/ ESAF, 1976.

PEREIRA, Carlos de Assis. **Fontes do Caramuru**. Assis: FFCL de Assis, 1971.

PROENÇA FILHO, Domício. **A poesia dos Inconfidentes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

QUINTILIANO, M. Fábio. **Instituições Oratórias**. São Paulo: Edições Cultura, 1944.

RIBEIRO, João. **Obras Poéticas de Cláudio Manoel da Costa**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903.

SILVA, Marcela Verônica da. **Constância da Retórica, Mudança de Estilo: a obra acadêmica de Cláudio Manuel da Costa**. Assis, 2009, 115p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.